

JAVIER CERCAS

AS LEIS DA FRONTEIRA

tradução

HELENA PITTA

ASSÍRIO & ALVIM

Para Raiül Cercas e Mercè Mas.

Para o bando, por quarenta e muitos anos de amizade.

Nous sommes si accoutumés à nous déguiser
aux autres qu'enfin nous nous déguisons à
nous-mêmes.

FRANÇOIS DE LA ROCHEFOUCAULD

PRIMEIRA PARTE
MAIS PARA LÁ

— Começamos?

— Começamos. Mas antes deixe-me fazer-lhe outra pergunta. É a última.

— Força.

— Por que aceitou escrever este livro?

— Já não lhe disse? Por dinheiro. Ganho a vida a escrever.

— Sim, já sei, mas só aceitou por isso?

— Bom, também é verdade que nem sempre nos surge a oportunidade de escrever sobre uma personagem como o Zarco¹, se é a isso que se refere.

— Quer dizer que o Zarco lhe interessava antes de lhe pedirem que escrevesse sobre ele?

— Claro, como a toda a gente.

— Claro. De qualquer forma, a história que vou contar-lhe não é a do Zarco mas a da minha relação com o Zarco; com o Zarco e com...

— Já sei, também já falámos disso. Podemos começar?

— Podemos começar.

— Diga-me quando conheceu o Zarco.

— No início do verão de 78. Aquela foi uma época estranha. É assim, pelo menos, que me recordo dela. Há três anos que Franco tinha morrido, mas o país continuava a ser governado por leis

¹ Zarco, que neste caso não é nome mas alcunha, significa «de olhos azul-claros».

franquistas e a cheirar exatamente ao que o franquismo cheirava: a merda. Nessa altura eu tinha dezasseis anos e o Zarco também. Nessa altura vivíamos ambos muito perto e muito longe.

— O que quer dizer?

— Você conhece a cidade?

— Por alto.

— Talvez seja melhor assim. A cidade daquela época parece-se pouco com a de agora. À sua maneira, a Girona de então era ainda uma cidade do pós-guerra, um lugarejo obscuro e clerical, acossado pelo campo e coberto de névoa no inverno; não digo que a Girona de agora seja melhor — em certo sentido é pior —: digo apenas que é diferente. Naquela época, por exemplo, a cidade estava rodeada por uma cintura de bairros onde viviam os *charnegos*. A palavra caiu em desuso mas, nessa altura, servia para designar os emigrantes que chegavam à Catalunha vindos do resto de Espanha, gente que, em geral, não tinha onde cair morta e que viera para cá tentar fazer pela vida... Embora você já saiba tudo isto. O que talvez não saiba é que, como lhe dizia, no fim dos anos setenta a cidade estava rodeada por bairros de *charnegos*: Salt, Pont Major, Germans Sàbat, Vilarroja. Era aí que a escória se aglomerava.

— O Zarco vivia aí?

— Não: o Zarco vivia com a escória da escória, nos albergues provisórios², na fronteira nordeste da cidade. E eu vivia a duzentos metros dele. A diferença é que ele vivia do lado de lá da fronteira, mesmo ao cruzar a divisória entre o parque de La Devesa e o rio Ter, e eu, do lado de cá, mesmo antes de a cruzar. A minha casa ficava na *calle* Caterina Albert, no que é hoje o bairro de La Devesa e que nessa

² Os albergues provisórios foram criados nos anos 60 para acolher imigrantes sem recursos.

altura não era nada ou quase nada, uma série de hortas e descampados onde a cidade ia morrer; aí, dez anos antes, no fim dos anos sessenta, tinham construído alguns prédios isolados onde os meus pais alugaram um apartamento. À sua maneira, aquilo também era um bairro de *charnegos*, embora nós, que vivíamos aí, não fôssemos tão pobres como os *charnegos* costumavam ser: a maior parte das famílias eram famílias de funcionários públicos de classe média, como a minha — o meu pai tinha um posto subalterno na Deputação Provincial —, famílias que não eram da cidade mas que não se consideravam famílias de *charnegos* e que, de qualquer forma, não queriam saber dos verdadeiros *charnegos* para nada ou, pelo menos, dos *charnegos* pobres, dos de Salt, Pont Major, Germans Sàbat e Vilarroja. Nem, evidentemente, das pessoas que viviam nos albergues. De facto, tenho a certeza de que a maior parte das pessoas de Caterina Albert nunca entrou nos albergues (já nem falo das pessoas da cidade). Alguns talvez nem sequer soubessem da sua existência, ou fingissem não saber. Eu sim, sabia. Não sabia muito bem o que eram, e nunca tinha lá estado, mas sabia que estavam lá ou que se dizia que estavam lá, como uma lenda que ninguém confirma nem desmente: na realidade, acredito que para nós, miúdos do bairro, o próprio nome dos albergues evocava a imagem épica de um refúgio em tempos inóspitos, e tenho a certeza de que tinha uma aura prestigiosa de romance de aventuras. É por tudo isto que lhe dizia que, naquela época, vivia muito perto e muito longe do Zarco: porque nos separava uma fronteira.

— E como a cruzou? Quero dizer, como é que um miúdo de classe média se torna amigo de um miúdo como o Zarco?

— Porque aos dezasseis anos todas as fronteiras são porosas, ou eram-no, pelo menos nessa altura. E também por acaso. Mas antes de lhe contar esta história devia contar-lhe outra.

— Força.

— Nunca a contei a ninguém; bom, a ninguém exceto ao psicanalista. Mas, a não ser que a conte, não entenderá como e por que conheci o Zarco.

— Não se preocupe. Se não quiser que a conte no livro, não a contarei; se a contar e não gostar de como a conto, suprimo-a. Era este o acordo e não vou quebrá-lo.

— Combinado. Sabe, sempre ouvi dizer que a infância é cruel, mas eu acho que a adolescência é muito mais cruel do que a infância. No meu caso foi assim. Eu tinha um grupo de amigos em Caterina Albert, o mais íntimo era o Matías Giral, mas havia também o Canales, o Ruiz, o Intxausti, os irmãos Boix, o Herrero, e mais um ou outro. Tínhamos todos mais ou menos a mesma idade, conhecíamos-nos todos desde os oito ou nove anos, fazíamos todos vida de rua e frequentávamos todos os Maristas, que era o colégio mais perto de casa; e, evidentemente, éramos todos *charnegos*, exceto os irmãos Boix, que eram de Sabadell e falavam entre si em catalão. Resumindo: eu não tinha irmãos, só uma irmã, e não acho um exagero dizer que na prática aqueles amigos fizeram, durante a minha infância, o papel vacante de irmãos.

Mas na adolescência deixaram de o fazer. A mudança começou quase um ano antes de eu conhecer o Zarco, quando no início do ano anterior chegou ao colégio um novo aluno. Chamava-se Narciso Batista e estava a repetir o 10.º ano. O pai era presidente da Deputação Provincial e chefe do meu pai; conhecíamos-nos por nos termos visto algumas vezes. Por isso, e porque o acaso dos apelidos nos sentou na mesma carteira (na lista da turma, Cañas vinha a seguir a Batista), eu fui o primeiro amigo dele no colégio; graças a mim tornou-se amigo do Matías e, graças ao Matías e a mim, tornou-se amigo do resto dos

meus amigos. Também se transformou no líder do grupo, um grupo que até essa altura nunca tivera um líder (ou eu não tinha consciência de que o tivesse) e que talvez estivesse a exigí-lo, porque o sentimento essencial da adolescência é o medo e o medo exige líderes com que combatê-lo. O Batista tinha mais uns dois anos do que nós, era fisicamente forte e sabia fazer-se ouvir; além disso, tinha tudo o que um *charnego* podia desejar: para já, uma família sólida, rica e catalã (embora se considerasse muito espanhola e desprezasse tudo o que era catalão, mais ainda catalanista, sobretudo se viesse de Barcelona); também, um grande apartamento nos arredores, um cartão do Clube de Tênis, uma casa de verão em S'Agaró e outra de inverno em La Molina, uma *Lobito* de 75 cc para andar por aí e um poiso só para ele na *calle* de La Rutlla, uma antiga garagem desconjuntada para passar as tardes a ouvir *rock and roll*, fumar e beber cerveja.

Até aqui, tudo normal; a partir daqui, nada. O que quero dizer é que em meia dúzia de meses a atitude do Batista para comigo mudou, a sua simpatia transformou-se em antipatia, a sua antipatia em ódio e o seu ódio em violência. Porquê? Não sei. Pensei muitas vezes que fui simplesmente o bode expiatório que o Batista inventou para esconjurar o medo essencial do grupo. Mas repito que não sei; a única coisa que sei é que em muito pouco tempo passei de seu amigo a sua vítima.

A palavra vítima é melodramática, mas prefiro o risco do melodrama ao da mentira. O Batista começou a troçar de mim: embora a sua língua materna fosse o catalão, ria-se por eu falar catalão, não porque o falasse mal, mas porque desprezava quem falasse catalão sem ser catalão; ria-se do meu físico e chamava-me Dumbo, porque dizia que eu tinha umas orelhas tão grandes como as do elefante da Disney; também se ria da minha falta de jeito com as raparigas, dos

meus óculos de marrão e das minhas notas de marrão. Estas troças tornaram-se cada vez mais ferozes, eu não descobri como travá-las e os meus amigos, que no início só se riam delas, acabaram por juntar-se a elas. Rapidamente as palavras deixaram de chegar. O Batista, meio a sério e meio a brincar, tomou o gosto por dar-me murros nos ombros e nas costelas e um ou outro bofetão; perplexo, eu respondia rindo-me, fingindo devolver os golpes, tratando de tirar seriedade à violência e de a transformar em brincadeira. Isso foi no início. Mais tarde, quando se tornou impossível disfarçar a brutalidade da diversão, passei do riso às lágrimas e ao desejo de fugir. O Batista, insisto, não estava só: ele era o grande valentão, a origem e o catalisador da violência, mas o conjunto dos meus outros amigos (com a exceção ocasional do Matías, que às vezes tentava travar o Batista) transformou-se às vezes numa matilha. Durante anos quis esquecer aquela época até que, há pouco tempo, me obriguei a recordá-la, dando-me conta de que ainda trazia algumas cenas cravadas na cabeça como uma navalha nas tripas. Uma vez o Batista atirou-me a um riacho gelado que corre, ou corria, por La Devesa. Outra vez, numa tarde em que estávamos no poiso de La Rutlla, os meus amigos tiraram-me a roupa e fecharam-me, nu e às escuras, num desvão. Durante horas não fiz outra coisa senão conter as lágrimas e ouvir, através da parede, os seus risos, gritos, conversas, a música que punham. Outra vez — num sábado em que tinha dito aos meus pais que ia dormir a casa dos pais do Batista, em S'Agaró — abandonaram-me também em La Rutlla e tive de passar aí, sozinho e sem luz, sem comida ou bebida, quase vinte e quatro horas: do sábado à tarde à hora de almoço do domingo. Outra vez, quase no fim do ano letivo, quando eu já não fazia mais que fugir do Batista, assustei-me tanto que pensei que queria matar-me, porque ele, com

o Canales, com o Herrero, com os irmãos Boix e com mais um ou outro, me armou uma cilada nas casas de banho do pátio do colégio e, durante um tempo que não deve ter durado mais de alguns segundos mas que a mim me pareceu longuíssimo, me enfiou a cara numa retrete em que tinham acabado de urinar, enquanto eu ouvia atrás de mim as risadas dos meus amigos. Continuo?

— Não se não quiser. Mas se contar o alivia, continue.

— Contar não me alivia; já não. Espanta-me é estar a contar-lhe isto a si, o que é diferente. Com esta história do Batista acontece-me o mesmo que com tantas outras coisas dessa época: não é como se as tivesse vivido mas como se as tivesse sonhado. Embora você deva estar a interrogar-se o que tudo isto tem que ver com o Zarco.

— Não: interrogo-me por que não denunciou a perseguição.

— A quem queria que a denunciasse? Aos meus professores? Eu tinha uma boa reputação no colégio, mas não tinha nenhuma prova do que estava a passar-se e denunciá-lo ter-me-ia transformado num mentiroso ou num bufo (ou nas duas coisas ao mesmo tempo), e isso era a melhor maneira de piorar tudo. Aos meus pais? O meu pai e a minha mãe eram boas pessoas, amavam-me e eu amava-os, mas nos últimos tempos a nossa relação deteriorara-se o suficiente para que eu não me atrevesse a contar-lhes. Além do mais, como lhes contaria? E o que lhes contaria? Como se não bastasse, o meu pai era subordinado do pai do Batista na Deputação Provincial, como já lhe disse, de modo que, se tivesse contado em minha casa o que se passava, além de me transformar num mentiroso ou num bufo, teria deixado o meu pai numa posição insustentável. Apesar disso, mais de uma vez senti a tentação de dizer-lhe, mais de uma vez estive mesmo prestes a dizer-lhe, mas no fim acabava sempre por recuar. E se não os denunciei a eles, a quem os iria denunciar?

Acontece que, para mim, a ida diária para o colégio se transformou num calvário. Durante meses deitei-me e levantei-me a chorar. Tinha medo. Sentia raiva e rancor, uma grande humilhação e, sobretudo, culpa, porque o pior das humilhações é que fazem quem as sofre sentir-se culpado. Sentia-me encurralado. Queria morrer. E não pense no que está a pensar: aquela merda toda não me ensinou absolutamente nada. Conhecer antes dos outros o mal absoluto — é isso que o Batista era para mim — não nos torna melhores do que os outros; torna-nos piores. E não serve absolutamente para nada.

— A você serviu-lhe para conhecer o Zarco.

— É verdade, mas foi a única coisa para que me serviu. Isso aconteceu pouco depois de ter acabado o ano, quando já estava há algum tempo sem ver os meus amigos. Com as aulas do colégio terminadas havia mais possibilidades de me esconder deles, embora a verdade é que numa cidade tão pequena essas possibilidades também não fossem muitas e não fosse fácil desaparecer de circulação, que era do que eu precisava para que os meus amigos se esquecessem de mim. Era preciso evitar cruzar-se com eles no bairro, evitar aproximar-se dos lugares que costumávamos frequentar, evitar as proximidades do poiso do Batista em La Rutlla, era preciso mesmo evitar ou despachar com evasivas as visitas e os telefonemas do Matías, que continuava a convidar-me para sair com eles, com certeza para aliviar a sua consciência pesada e esconder atrás da sua generosidade aparente a perseguição real a que estavam a submeter-me. Enfim, o meu projeto daquele verão consistia em ir à rua o menos possível até agosto, altura em que iria de férias, e em passar aquelas semanas de clausura a ler e a ver televisão. Essa era a ideia. Mas a realidade é que, por mais derrotado ou acobardado que esteja, um miúdo de dezasseis anos não é capaz de passar o dia inteiro em casa;